

10 NOV 1987

Vazios Perigosos

JORNAL DO BRASIL

Nem bem foram anunciados concretamente os resultados das negociações do governo com os bancos estrangeiros e já se levantam por toda parte protestos dos segmentos políticos contra o que consideram como uma capitulação inaceitável. Todo sistema político aberto deve cultivar a pluralidade de opiniões. Não é, porém, ao que estamos assistindo no Brasil. O que há neste país é uma pressão articulada de radicais que desejam manter a moratória a qualquer custo, porque isso lhes é útil como arma de campanha eleitoral e porque seus objetivos, não importa qual o preço, coincidem com um crescente isolamento do Brasil no mundo.

O acordo com os bancos fechado na semana passada tem, na realidade, um alcance muito restrito. Esse acordo cobre apenas os juros devidos aos bancos a partir de fevereiro passado, envolve o refinanciamento de duas terças partes e um comprometimento brasileiro cujo sentido é muito mais simbólico que monetário. O país sinaliza seu interesse em conviver com a comunidade financeira internacional, dentro de regras de jogo que estão mudando para todos os lados — tanto para credores como para devedores.

Em suspenso ficaram questões como o tratamento que será dado pelo Brasil ao pagamento dos juros devidos aos bancos daqui para a frente, qual o relacionamento que terá com o Fundo Monetário Internacional e o que deseja do capital estrangeiro para investimentos a longo prazo. Não se resolveram incoerências como aumento do endividamento externo quando o país refinancia os juros vencidos. Também está se despertando a consciência para o que significa a queda livre na recessão, por força da fuga da poupança interna e dos investimentos estrangeiros.

Chegamos a esta situação porque o país embarcou numa moratória malfeita, como uma alta carga de ideologia e um escasso respeito às reservas externas do país e às condições para reorganização da economia doméstica, que justificariam uma bem articulada renegociação da dívida com os credores internacionais.

A queda livre dos investimentos e o descontrole dos preços estão empurrando o país para a hiperinflação, sem que os responsáveis se dêem em conta das consequências. O país já chegou ao limite de sua capacidade para absorver choques artificiais, baseados em tabelamentos que atingem indiscriminadamente as empresas produtivas, sejam elas públicas ou privadas. Falta sintonia fina para reconduzir o Brasil ao convívio com o mundo exterior e falta compreensão política para o que significa a reorganização da ordem econômica internacional neste momento. Estamos diante de macroeconomias de blocos com interesses geoeconômicos distintos, no Leste Europeu, na América Central e do Norte, e na Ásia.

A desastrada moratória brasileira, herança dos cruzados do ministério comandado pelo sr. Dilson Funaro, nos empurra para fora de todas as grandes correntes internacionais e soterra a economia sob o peso de uma inflação já projetada para 18% ao mês por alguns respeitáveis economistas. É preciso acabar com a onda sem sentido contra o Fundo Monetário e acordos que devolvam estabilidade e credibilidade à política econômica do governo. Sem credibilidade e um horizonte estável continuaremos ladeira abaixo, até uma abalroagem em algum ponto difícil de prever, mas com consequências fáceis de imaginar para toda a sociedade.